

23 MAI 1997

CORREIO BRAZILIENSE

FHC

GOVERNO

Presidente quer Luís Eduardo para coordenar ação política

O presidente Fernando Henrique Cardoso convidou o deputado Luís Eduardo Magalhães para centralizar a coordenação política do governo. Na primeira conversa que os dois tiveram sobre o assunto, não ficou decidido qual será o cargo de Luís Eduardo. Políticos ligados ao presidente, no entanto, afirmam que poderá ser o de líder do governo na Câmara, ou mesmo assumir um ministério.

Desde que deixou em fevereiro a presidência da Câmara, onde comandou a aprovação de diversos projetos de interesse do governo, Luís Eduardo vinha resistindo aos convites para integrar o Ministério, mas, nas últimas semanas, deu sinais de que poderá aceitar. Ele deve ter nova conversa com o presidente ainda hoje ou segunda-feira. Argumentando que o deputado está subaproveitado e apontando falhas no atual esquema, o PFL, partido de Luís Eduardo, vem defendendo junto ao presidente uma reformulação na coordenação política.

A missão do ex-presidente da Câmara será reorganizar a base política do governo, que se desagregou desde a votação da emenda da reeleição, em janeiro, e não tem conseguido aprovar as reformas administrativa e da Previdência no Congresso. A situação piorou ainda com a crise provocada na semana passada com a denúncia de compra de votos para aprovar a reeleição e com o fantasma da criação de uma CPI para apurar os fatos.

Segundo políticos ligados a Fernando Henrique Cardoso, a possibilidade mais lógica para acomodar Luís Eduardo no Governo seria a substituição do ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos. Mas, ao que parece, Santos ganhou uma sobrevida no governo. Isso ficou claro ontem, quando, ao dar posse a Iris Rezende, o presidente disse em seu discurso que o novo ministro da Justiça participaria da coordenação política, junto com Luiz Carlos Santos. As mudanças na coordenação política não são as únicas esperadas pelos aliados do governo. Os mesmos senadores que se empenharam na véspera em dar a Fernando Henrique a aprovação da emenda da reeleição cobravam hoje uma reação do Governo e uma guinada após a aprovação do segundo turno, previsto para o dia 4 de junho.

NOVO DISCURSO

Na avaliação desses senadores, o governo passou dois anos e meio dedicado a aprovar a emenda que dará ao presidente o direito de disputar um novo mandato e, superada esta fase, precisa reformular seu discurso, até agora lastreado no sucesso da administração dos bons resultados do Plano Real. "O governo agora precisa é governar. Levar adiante os planos que anunciou, como as ações para o Nordeste e o Plano de Metas. Esta é a última chance", afirmou o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL).

O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), confirma que o momento dessa nova postura será marcado pela promulgação da emenda da reeleição. A expectativa é de que as reformas constitucionais em tramitação ganhem novo ritmo com os ajustes na base de sustentação parlamentar e deixem de ser o centro da ação do Governo. Para os governistas, a vitória da reeleição, ante hoje, foi um voto de confiança que deve ser correspondido pelo presidente. Na noite em que o Senado garantiu a reeleição, Fernando Henrique recebeu os líderes que trabalharam pela vitória sentado ao piano. Ver o presidente tocando surpreendeu os senadores Elcio Álvares, Hugo Napoleão (PFL-PI), Sérgio Machado (PSDB-CE), Valmir Campello (PTB-DF), José Roberto Arruda (PSDB-DF) e Antônio Carlos, além do senador Pedro Piva, suplente do tucano José Serra e amigo do presidente. Já na entrada do Palácio, ouviram os acordes. - Nunca ouvi música aqui - comentou Napoleão.

- É o astral do Palácio que mudou - interpretou Antônio Carlos. As comemorações palacianas foram contidas. Fernando Henrique agradeceu muito aos senadores e avisou que faria um pronunciamento forte hoje, na posse dos novos ministros. O brinde não teve champanhe, mas uísque. Apenas uma rodada, acompanhada de croquetes.